PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Trabalho de Conclusão de Curso

Denise Yu Gomes - RA00290546

China e Taiwan: Primórdios do colonialismo chinês sob a ilha e a ótica da influência estadunidense no conflito sino-taiwanês a partir do pós-Revolução Chinesa

Orientador: Tomaz Oliveira Paoliello

São Paulo
2024

Agradecimentos

Agradecer é um verbo transitivo, que pode ser direto ou indireto, e que significa “demonstrar gratidão” e/ou “reconhecer um bem feito por outra pessoa”. Por isso, primeiramente gostaria de demonstrar gratidão aos meus pais, que me proporcionaram todos os recursos e ferramentas para me tornar o que sou hoje, não somente com uma ótima base acadêmica mas, sobretudo, com a melhor das bases familiares. Mãe, você me impacta de tantas formas que até a escolha do tema estudado para esse trabalho foi devido à sua terra natal, admiro sua ancestralidade e toda a sua luta como uma mulher amarela imigrante nesse país, obrigada por ser meu maior exemplo de mulher. Pai, obrigada por me ensinar sobre batalhar, seja para conseguir minha independência, para trabalhar, para me formar e, sobretudo, para ocupar meu espaço nessa vida, admiro sua força e sua persistência em todos os âmbitos da sua vida.

Aos meus irmãos, gostaria de agradecer por terem sido fonte constante de amor e parceria. Vê, obrigada por ter sido minha primeira inspiração na vida, além de em muitos momentos, minha mãe. Mas, acima de tudo, obrigada por ter me presenteado com o amor mais puro que já vivi: o de ser tia. Dudi, obrigada por me ensinar o que é determinação e perseverança, com você aprendi a não desistir facilmente e priorizar minha independência, além de entender que há sim espaço para mulheres brilhantes no mundo. Hique, obrigada por ter me ensinado sobre disciplina, admiro sua resiliência e esforço em tudo que você se propõe a realizar, seja no trabalho, nos estudos, como filho e como irmão - e em todos os faz com maestria.

Não poderia deixar de agradecer àqueles que fizeram parte de cada dia dessa graduação, me acompanhando nos altos e baixos, nos trabalhos, desabafos, noites viradas e encontros diários na “prainha”. Rolezeiros, obrigada por me ensinarem a cumplicidade e fraternidade que eu jamais achei que encontraria na graduação, crescer esses quatro anos com vocês foi a jornada mais incrível que já vivi, independente dos desafios no caminho, eu sabia que se estivéssemos juntos, tudo iria ficar bem. E, por fim, queria agradecer as minhas duas melhores amigas, Luisa e Marília, por serem minhas parceiras da vida, por toda a compreensão pela ausências durante uma graduação intensa, pelas risadas, pela nossa história e por sempre estarem lá quando eu precisei, não sei o que seria de mim sem vocês.

Resumo

Esse trabalho tem como intuito abordar a complexa relação histórica entre China e Taiwan, explorando os primórdios do colonialismo chinês na ilha e a influência dos Estados Unidos no conflito sino-taiwanês após a Revolução Chinesa. O estudo começa com uma retrospectiva da Revolução Chinesa, destacando a fuga de Chiang Kai-shek para Taiwan e o estabelecimento de um governo nacionalista, que marcou o início do conflito colonialista entre as duas nações. A análise também aponta a interferência dos Estados Unidos na política, economia e aspectos militares de Taiwan, além de sua influência na sociedade taiwanesa. A pesquisa busca entender se Taiwan é uma nação independente ou parte da República da China, um debate fundamental nas relações internacionais até os dias atuais. O estudo utiliza uma abordagem histórica e política para examinar as disputas territoriais e o papel central dos Estados Unidos nesse contexto, evidenciando as complexas dinâmicas envolvidas na relação sino-taiwanesa.
Palavras-chave: China; Taiwan; Colonialismo; Influência estadunidense; Revolução Chinesa; Relação sino-americana

Abstract:

This study has as its main goal the analysis of the complex historical relationship between China and Taiwan, exploring the early stages of Chinese colonialism on the island and the influence of the United States in the Sino-Taiwanese conflict following the Chinese Revolution. The study begins with a retrospective of the Chinese Revolution, highlighting Chiang Kai-shek's escape to Taiwan and the establishment of a nationalist government, which marked the beginning of the colonialist conflict between the two nations. The analysis also focuses on U.S. interference in Taiwan's politics, economy, and military aspects, as well as its influence on Taiwanese society. The research seeks to understand whether Taiwan is an independent nation or part of the Republic of China, a fundamental debate in international relations to this day. The study employs a historical and political approach to examine territorial disputes and the central role of the United States in this context, highlighting the complex dynamics involved in the Sino-Taiwanese relationship.

Keywords: China; Taiwan; Colonialism; United States influence; Chinese Revolution; Chinese American relation

SUMÁRIO

Introdução 7

1. A filosofia política chinesa 8

1.1 Os primórdios do conflito China e Taiwan: a Ilha de Formosa sob o poder de Chiang Kai-shek 10

2. Primórdios da influência dos Estados Unidos na relação China e Taiwan 14

3. Um recorte da China pós-Mao Tsé-tung: Liderança de Xiaoping até a ascensão como uma superpotência no século XXI 17

3.1 Os anos 2000: A queda do KMT e "uma China" 21

4. Uma ótica contemporânea da relação China-Taiwan e EUA e uma odisseia para o futuro..... 22

Considerações finais..... 26

Referências Bibliográficas..... 28

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Crianças em escola na China com a frase "Nunca esqueça da humilhação nacional" na lousa……. 9

Figura 2 - Divisão territorial entre China e Taiwan ...……12

Figura 3 - Investimento militar chinês nos últimos anos ……...23

Figura 4 - Taiwan lidera produção de semicondutores no mundo……..25

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - PIB da China nos anos de 1973 até 1980 ……18

Gráfico 2 - Exportações da China entre 1998 até 2005…….19

Gráfico 3 - População que saiu da extrema pobreza entre 1981 até 2010…….20

Introdução

À medida que os anos avançam, o protagonismo da China se torna cada vez mais evidente no cenário internacional. Com sua vasta extensão territorial, uma população numericamente impressionante e um crescimento econômico acelerado, a China não apenas domina a região asiática, mas também exerce uma influência significativa em escala global. Esse papel proeminente da China na Ásia não se restringe apenas ao poder político e econômico, mas está profundamente enraizado em sua rica herança cultural e filosófica.

Em meio ao crescente avanço do capitalismo global no século XX, alguns grupos comunistas revolucionários encontraram terreno fértil para a propagação de seus ideais políticos em países como a China. Após mais de dois mil anos sob o domínio monarquista, a China teve sua República proclamada em 1911, durante a Revolução Xinhai, que estabeleceu um governo provisório nacionalista, rompendo com o imperialismo que era tão presente não somente naquele momento do país, mas também vinha acompanhando a história chinesa há tantos anos.

Com essa mudança de poder, a China mergulhou em conflitos políticos intensos. O presente artigo irá realizar um resgate histórico dos chamados "Anos de Humilhação" que a nação enfrentou, que teve seu desfecho interpretado como um dos promotores da Revolução Chinesa, visto que o Partido Comunista Chinês (PCCH) ganha ainda mais apoio da população devido ao sofrimento vivido durante o domínio japonês, consolidando seu avanço ideológico. Isso marca o início de uma nova era política para a nação e seu povo, não apenas determinando o futuro político e civilizacional da China, mas também impactando diretamente outra nação de grande importância: Taiwan.

Para compreender o conflito entre China e Taiwan, que se desenrola até os dias atuais, o artigo irá se basear em contextualizações e análises históricas e políticas essenciais para examinar as disputas territoriais que permeiam a ilha até os dias atuais. Com a Revolução Chinesa, surge um novo marco para o dilema político entre China e Taiwan: a vitória do Partido Comunista e a derrota de Chiang Kai-shek, a ilha se torna refúgio para o líder nacionalista, que estabelece um novo governo local, o que gera um sentimento nacionalista inédito para uma população que havia vivido sob a retórica colonialista por séculos. Esse cenário desencadeia conflitos políticos, como a Guerra Civil Chinesa, juntamente de rompimentos diplomáticos entre China e Taiwan, que perduram até os dias atuais. Com isso, surge uma questão crucial

nas Relações Internacionais: Taiwan é uma nação independente ou pertence à República da China? Esse debate é fundamentado no aspecto colonialista que historicamente envolveu a ilha: Taiwan é ou não parte da China?

Essa questão permanece em foco de discussão até os dias atuais e envolve não apenas os dois protagonistas sino-taiwaneses, mas também o papel dos Estados Unidos. Além disso, será apresentada a introdução dos EUA nesse conflito como um dos atores centrais no reconhecimento de Taiwan como nação soberana e independente, desempenhando um papel significativo em diversos conflitos, como a Guerra Civil Chinesa, ao se aliar à Taiwan e fornecer apoio militar. Outro fator a ser apontado é que, na década de 70, o governo dos EUA reconheceu Pequim como a sede de suas relações diplomáticas, enquanto continuava a vender armas para Taipei, capital de Taiwan (FEDDERSEN et al., 2016, p. 66), evidenciando o complexo papel desempenhado pelos EUA nesse contexto de pós-Revolução Chinesa com provocações ao governo chinês que se estendem até os dias atuais. Portanto, compreender o desenrolar do embate sino-taiwanês requer, sobretudo, uma análise sob a ótica do envolvimento dos Estados Unidos na política asiática.

1. A filosofia política chinesa

Um dos conceitos fundamentais para compreender a filosofia política chinesa é o conceito de Tianxia, que se traduz como "tudo sob o céu". De acordo com Lucas Gualberto do Nascimento em seu artigo "Sistema mundial com características chinesas: o Tianxia, o Zhongyong e o Realismo Moral como ordem internacional", essa ideia surge para descrever a visão do mundo como uma única entidade política, onde um governante central, o Imperador, reina sobre todos os povos e territórios conhecidos. Nesta interpretação chinesa, Tianxia está associado a um governo que emprega uma força harmoniosa para administrar uma totalidade de terras, abrangendo todas aquelas "sob o céu" (NASCIMENTO, 2023, p. 77).

Essa visão ressoa com o conceito de Datong, que significa "a grande harmonia", representando a busca pela realização de uma ordem ideal na qual todas as pessoas vivem em paz e prosperidade, livres de conflitos e injustiças, conforme citado por Zhong Dian em seu texto "O pensamento geopolítico tradicional chinês enraizado na Filosofia Tradicional Chinesa: origem, características e implicações" (DIAN, 2019, p. 7). Esta grande harmonia é vista como alcançável por meio do estabelecimento de um império chinês centralizado, onde a autoridade do imperador é reconhecida e respeitada por todos os povos sob seu domínio. Esta ideia, embora enraizada na tradição chinesa, reflete também uma perspectiva sino-centralizada do mundo, na

qual a China desempenha um papel preponderante na promoção da ordem e estabilidade globais (NASCIMENTO, 2023, p. 78).

A imagem própria da China como uma cultura de destaque e refinamento está intrinsecamente ligada à sua visão de Tianxia. Ao longo dos anos, líderes e pensadores chineses têm mantido a crença de que a civilização chinesa atingiu o auge do desenvolvimento moral e intelectual da humanidade. Ao longo da história, essa visão cultural superior influenciou as políticas tanto internas quanto externas da China e suas relações com outras nações, afinal, há desafios diplomáticos e de interesses quando um país coloca sua política e governo de forma tão central dessa forma, reforçando o sino-centrismo de forma tão inerente à toda uma política mundial.

Apesar dessa filosofia política carregada de propósito que era estabelecida na concepção milenar chinesa, e a força que o país detinha em toda a Ásia, a China enfrentou um período desafiador de grande crise entre o século XIX e meados do século XX, conhecido como o "Século da Humilhação". Esses anos foram marcados pela forte interferência estrangeira no país, destacando-se a Primeira Guerra Sino-Japonesa, na qual o Japão saiu vitorioso na disputa pela Coréia, além de suas incursões em território chinês (PAULA, 2016, p. 35). Em segundo lugar, a Guerra do Ópio foi um conflito travado entre a China e a Inglaterra, durante um período em que a nação britânica estava experienciando sua Segunda Revolução Industrial e fortalecendo seu comércio marítimo.

Apesar de tentar estabelecer relações comerciais, a Inglaterra teve dificuldades para penetrar no mercado chinês. Em resposta, os britânicos conseguiram tornar o ópio popular entre a população, como uma maneira de se infiltrar no mercado. Depois que a crise se transformou rapidamente em um problema de saúde pública, a China proibiu a entrada da substância, desencadeando um conflito com a Inglaterra. Segundo o artigo "As guerras do ópio" da Carta Capital, esse evento foi um dos principais motivos para os anos de humilhação que vieram depois.

O autor Zheng Wang, em seu livro "*Never Forget National Humiliation*", aborda outros desafios que a China enfrentou internamente durante esse período. A corrupção e a decadência do governo Qing contribuíram para a instabilidade política e social, enfraquecendo ainda mais a capacidade da China de resistir às pressões externas (WANG, 2012, p. 63). Além dos aspectos políticos e econômicos, Wang (2012, p. 3) destaca como o "século da humilhação" também teve implicações culturais e psicológicas profundas para a China. O sentimento de inferioridade e a perda de autoestima nacional tornaram-se difundidos entre os chineses, enquanto o nacionalismo emergente começou a ganhar força como resposta às injustiças e indignidades

infligidas ao país. A imagem abaixo retrata a cultura de não esquecimento que persiste até os dias atuais na China, onde crianças expressam a frase "Nunca esqueça da humilhação nacional", presente na lousa ao fundo (FIGURA 1):

Fonte: Zheng Wang, 2012, P. 5

1.1. Os primórdios do conflito China e Taiwan: a Ilha de Formosa sob o poder de Chiang Kai-shek

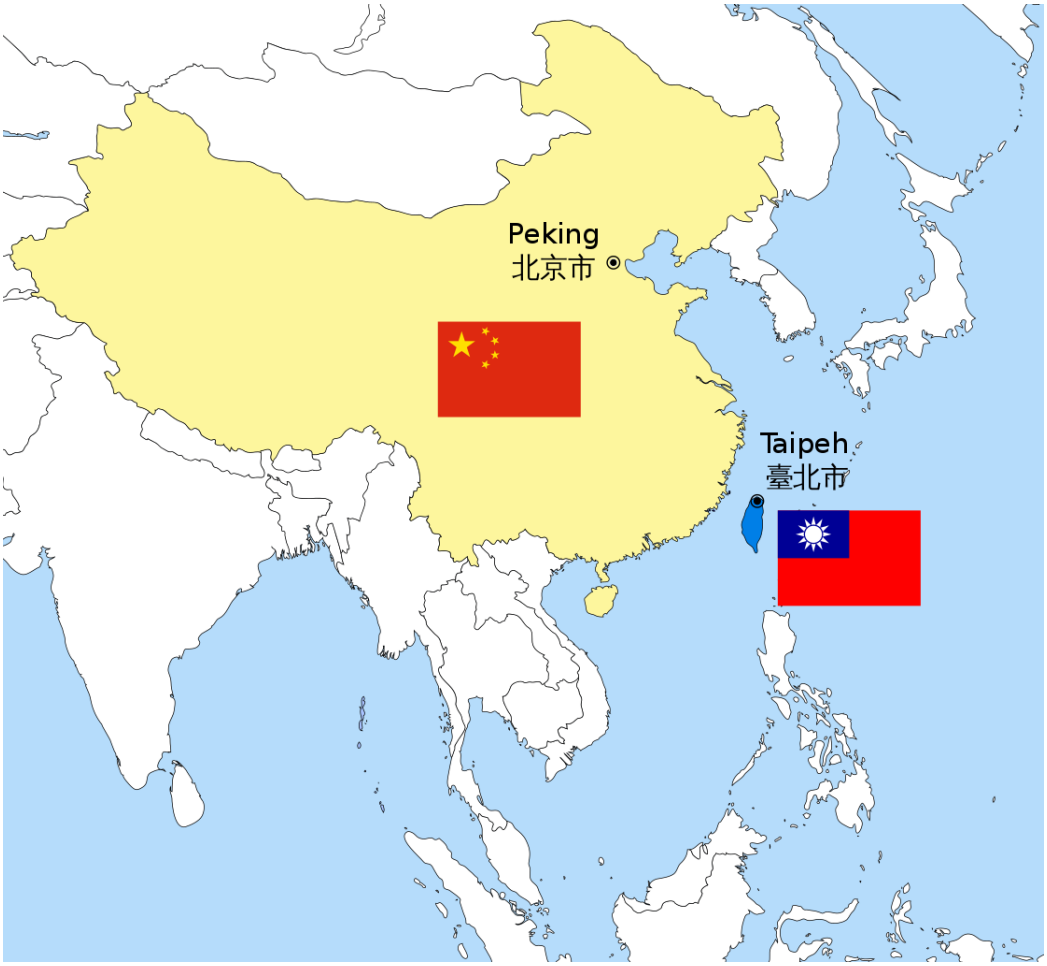
Entre 1927 e 1949, a China foi palco de uma guerra civil entre o governo nacionalista do Kuomintang, liderado por Chiang Kai-Shek, e o Partido Comunista Chinês (PCCH), liderado por Mao Tsé-Tung. Nessa época, o comunismo era visto como uma ameaça global, e países ocidentais forneceram apoio político e econômico ao Kuomintang para conter o avanço comunista no país. O temor era que a ascensão do PCCH desencadeasse uma significativa expansão do comunismo na região, especialmente considerando a proximidade da China com a União Soviética, na época uma das principais potências mundiais e um influente promotor da ideologia comunista, então estrategicamente seria um forte aliado da luta chinesa.

Dessa forma, o respaldo dos países do chamado "Primeiro Mundo" ao Kuomintang resultou em uma intensa perseguição aos comunistas chineses e seus simpatizantes. Em resposta a essa pressão, e uma maneira de restabelecer seu protagonismo, o Partido Comunista Chinês (PCCH) realizou a "Grande Marcha", uma migração massiva de seus membros para áreas rurais, visando reorganizar suas forças e consolidar Mao como seu líder, conforme destacado por Wladimir Pomar em "A Revolução Chinesa" (POMAR, 2003, p. 62).

Conforme o conflito se desenrolava, um novo ator importante emergia no cenário político local: o Japão. Em 1937, as tropas japonesas invadiram a China com o objetivo de expandir seu poder na região e impor o imperialismo japonês. Esse evento ficou conhecido como a Segunda Guerra Sino-Japonesa, um período de grande devastação para a população chinesa. Diante dessa ameaça comum, Kuomintang e PCCH uniram forças para enfrentar o inimigo. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, a derrota do Japão levou à retirada de suas tropas da China, marcando o encerramento do conflito sino-japonês.

Inicialmente, Taiwan esteve sob domínio chinês, com assentamentos na região desde o século XVII. Entretanto, durante o século XVIII, o conflito militar sino-japonês pela península coreana levou as forças japonesas a reivindicarem controle sobre a ilha. Segundo o autor Denny Roy em "*Taiwan: A Political History*", Taiwan foi cedida ao Japão por meio do Tratado de Shimonoseki após a derrota chinesa na Primeira Guerra Sino-Japonesa. Posteriormente, o governo japonês estabeleceu um período de dois anos para que os residentes chineses locais se realocassem para a China (ROY, 2003, p. 34). Após a Segunda Guerra Mundial, com a derrota do Japão em 1945, Taiwan retornou ao domínio chinês, marcando o fim do período imperialista japonês na região devido ao enfraquecimento que a nação tivera, do ponto de vista militar e político.

Após a vitória do Partido Comunista Chinês (PCCH), o líder do Kuomintang, Chiang Kai-shek, refugiou-se na ilha de Taiwan com suas forças. Lá, ele estabeleceu um governo nacionalista, reivindicando a República da China como o legítimo governo da ilha, buscando reunir apoio para combater o Partido Comunista. No entanto, Taiwan já havia enfrentado conflitos territoriais anteriores, incluindo o domínio japonês e uma batalha contra a China pelo controle da região e, agora, se encontrava mais uma vez envolvida em uma disputa política e territorial, com um adicional de que, dessa vez, mais de 2 milhões de pessoas seguiram em direção a região. O mapa abaixo ilustra a divisão estabelecida no território (FIGURA 2):



Fonte: Revista Relações Exteriores

Quando Chiang Kai-shek assumiu o poder em Taiwan, implementou a Lei Marcial, que consistia em restringir a formação de novos partidos políticos e censurava os meios de comunicação e propagação de informações pela mídia, reforçando o caráter autoritário de seu governo. A partir de então, essa medida teve um impacto duradouro na ilha, que permaneceu sob essa legislação por quatro décadas, encerrando-se apenas em 1987, como aponta Dafydd Fell em *"Government and Politics in Taiwan"*. Fell sugere que, ao analisar a Lei Marcial, é possível entender um prisma diferente, de que o intuito da lei não era necessariamente manipular e mudar toda a população, mas sim somente exercer a influência e o autoritarismo necessário em cima dela, para que conseguisse chegar em seu objetivo final, que era a detenção do poder e estabelecimento de sua ordem política (FELL; 2018; P. 11-12).

Outro aspecto crucial durante o governo de Chiang Kai-shek foi o desenvolvimento econômico. Anteriormente assolada por conflitos e dominada por uma perspectiva colonialista, Taiwan não havia alcançado um destaque econômico significativo no âmbito mundial. No entanto, com a ascensão do líder nacionalista, a economia local começou a passar por uma transformação marcante. Chiang Kai-shek foi fundamental para impulsionar o crescimento

econômico da região. Conforme aponta Dafydd Fell, durante as quatro décadas sob a Lei Marcial, a economia de Taiwan registrou um crescimento anual impressionante de 8,9% (FELL, 2018, p. 18). Esse avanço econômico foi acompanhado por um notável desenvolvimento industrial, resultando em um aumento substancial nas exportações do país, o que se torna um paradigma uma vez que Kai-shek se torna um vilão para a China mas considerado herói durante muitos anos para a Ilha.

Para garantir o sucesso dessa estratégia de exportação e industrialização, o governo implementou tarifas de importação mais elevadas, visando proteger e fortalecer a indústria local. Isso estimulou a produção em diversos setores, incluindo o têxtil, e, posteriormente, durante o final do governo de Chiang Kai-shek, o investimento em tecnologias de ponta também se tornou uma prioridade evidente (FELL, 2018, p. 18).

Ademais, Fell identifica três fatores fundamentais para o avanço econômico de Taiwan durante esse período: Primeiramente, destaca-se a herança deixada pelo domínio japonês na ilha, que proporcionou uma base sólida para o planejamento econômico do novo governo taiwanês, permitindo a utilização e desenvolvimento dos recursos deixados pelo Japão. Em segundo lugar, a influência dos Estados Unidos na região foi crucial, com apoio econômico e militar substancial, totalizando mais de 100 milhões de dólares anualmente em investimentos nessas categorias. Terceiro, Fell aponta a implementação de reformas agrárias, que consistiam em duas etapas distintas: a primeira visava reduzir os custos de aluguel e redistribuir terras anteriormente sob domínio japonês; a segunda envolvia a aquisição compulsória de terras excedentes pelo governo – aquelas que passavam de 2,9 hectares – seguida pela redistribuição para grandes fazendeiros, enquanto os proprietários originais recebiam participações acionárias em empresas estatais como compensação (FELL, 2018, p. 18).

Além disso, é crucial analisar a dinâmica internacional relacionada à legitimidade de Taiwan como uma nação soberana do ponto de vista republicano. A ilha enfrentou numerosos desafios de legitimidade devido a suas controvérsias políticas, mantendo relações diplomáticas limitadas em todo o mundo. Contudo, a ascensão de Chiang Kai-shek ao poder teve um impacto significativo na percepção global das relações diplomáticas de Taiwan. Ao assumir o governo da ilha, Kai-shek reivindicou representar toda a China, apresentando-se como um governo de exílio que, na realidade, fugia do conflito com o Partido Comunista Chinês (PCCH). Esse argumento levou Taiwan a ocupar o assento chinês em uma conferência da ONU, com muitos países ocidentais reconhecendo o governo de Kai-shek como o legítimo representante chinês (Details of History, 2023).

No entanto, apesar desse acontecimento, a China é amplamente reconhecida internacionalmente como detentora de sua soberania legítima, tendo Pequim como seu centro de autoridade política nacional. Consequentemente, Taiwan enfrenta um enfraquecimento diplomático, apesar das relações comerciais estabelecidas com o avanço industrial do país. No texto "O Isolamento Internacional de Taiwan e a Abertura de Canais Diplomáticos Não Governamentais", o autor Jorge Tavares da Silva menciona a adoção por Taiwan da chamada "soberania funcional", caracterizada por uma autolegitimação interna na qual os órgãos governamentais sustentam a crença na efetiva soberania, embora não obtenham legitimidade internacional. Taiwan, nesse sentido, permanece praticamente desprovida de reconhecimento externo, encaixando-se até mesmo na categoria de "Povos Mudos", conforme apontado por Silva (2011, P. 206).

Assim, percebe-se que a complexidade do poder e governo de Chiang Kai-shek após sua derrota na Revolução Chinesa resultou em uma mudança significativa para Taiwan. Apesar da natureza autoritária de seu governo e das consequências políticas resultantes, o líder foi também responsável por um notável desenvolvimento no país. Entretanto, ao atrair a atenção internacional e doméstica para a ilha, Chiang Kai-shek certamente afetou sua busca pela independência, a qual nunca foi plenamente alcançada, fortalecendo ainda mais a retórica colonialista e perpetuando o debate sobre se Taiwan é ou não parte da China, ao invés de abrir horizontes para a consolidação de uma identidade taiwanesa distinta.

2. Primórdios da influência dos Estados Unidos na relação China e Taiwan

Enquanto Chiang Kai-shek estabelecia seu governo autoritário em Taiwan e impulsionava o desenvolvimento econômico da ilha, o mundo enfrentava uma nova realidade política durante a Guerra Fria: A bipolarização. Os Estados Unidos, que temia a ascensão do comunismo e preocupava-se com a segurança na região asiática, começaram a buscar estratégias para conter a influência comunista, não apenas na China continental, mas também em Taiwan para que, dessa forma, evitasse que a ilha se tornasse palco de mais uma revolução ideológica que se opusesse a doutrina que os EUA vinha promovendo diante desse conflito. Essa dinâmica geopolítica levou a uma série de desenvolvimentos que moldaram as relações entre os Estados Unidos, China e Taiwan nos anos seguintes.

Apesar desse cenário, a China e a União Soviética estruturaram uma relação que diferia da lógica que se concentrava, do que seria a relação entre essas nações. Mesmo a China e a URSS terem sido do mesmo campo ideológico durante a Guerra Fria, a relação entre ambos não foi amigável, devido a divergências referentes ao marxismo, principalmente após a morte

de Stalin. Seu sucessor, Khrushchev, adotou um revisionismo que não agradou ao país asiático. Também, a União Soviética tentava exercer uma influência de poder e controle sobre o país chinês, que não aceitou ser controlada pela nação durante esse período. Logo, percebeu-se que, apesar de inicialmente a aliança sino-soviética fazer sentido, os líderes de ambos os países entenderam que não tinha como promover essa aliança, principalmente no que tange duas nações do mesmo patamar (RADCHENKO, 2010, p. 372).

Os primórdios de uma relação mais estreita entre os EUA e a China nesse período, é apontado por Henry Kissinger em seu livro "Sobre a China", em que ele fala sobre a estratégia de Mao diante de uma aproximação com os Estados Unidos, com o intuito em comum de conter o avanço da URSS, indo na contramão do que se acreditava diante da política ideológica chinesa (KISSINGER; 2011; P. 76). Com isso, o autor também aponta a visita à China do presidente dos Estados Unidos da época, Nixon, que resultou em diversos acordos entre os países, algo que foi considerado histórico naquele período dada as condições políticas que se enfrentavam mundialmente. Kissinger aponta que a China de Mao, conseguiu um feito marcante na Guerra Fria: a de ser um "agente livre geopolítico", isso porque conseguiu sair de um papel de hostilidade com os EUA para um quase aliado, e enfrentando o contrário com a URSS, indo de uma aliança para uma espécie de oposição (KISSINGER; 2011; P. 79).

Porém, após entender o que é considerado os primórdios de uma relação estreita entre China e EUA, é necessário aprofundar o entendimento de como os Estados Unidos iniciaram uma relação com Taiwan com o intuito de impedir o avanço da ideologia comunista na ilha. O autor Hsiao-ting Lin em seu livro *"Accidental State: Chiang Kai-Shek, the United States, and the making of Taiwan"* cita (2016, P. 57) que o diplomata americano George Kerr realizou uma visita para Taiwan a fim de explorar o conflito que se desenrolava com o governo sino-taiwanês, principalmente para o governo estadunidense poder formular uma estratégia de contenção.

Diante disso, depois de voltar de Taiwan em maio de 1947, George Kerr compartilhou suas ideias com o Departamento de Estado dos Estados Unidos, propondo uma abordagem diferente para evitar que Taiwan ficasse sob o domínio comunista. Kerr enfatizou a importância do apoio econômico dos EUA para a estabilidade da ilha e sugeriu uma administração conjunta internacional após a retirada das tropas nacionalistas. Além disso, ele recomendou uma supervisão temporária internacional para facilitar a reconstrução progressista na China. No entanto, suas propostas foram deixadas de lado, mas enquanto isso, a situação militar de Chiang Kai-shek na China continental estava se deteriorando, com uma série de derrotas importantes para os comunistas. As perdas dos nacionalistas em batalhas cruciais levaram a uma queda no

moral e à transição do exército comunista de uma força de guerrilha para uma força militar regular (LIN; 2016; P. 57-59).

Apesar da movimentação política vinda do governo americano, o país insistia em reforçar que não tinha interesse em Taiwan, através de declarações públicas. Porém, naquele mesmo ano o general estadunidense, Albert Wedemeyer, também foi enviado para a ilha e para a China. Ao retornar, Wedemeyer propôs o estabelecimento de um governo eficaz em Taiwan, indo até mesmo ao ponto de sugerir um treinamento conjunto entre americanos e tropas nacionalistas chinesas. Diante dessa visita, ficou ainda mais evidente que Kai-shek planejava utilizar Taiwan como um meio seguro para um refúgio militar, fortalecendo ainda mais o interesse norte-americano de assegurar a importância estratégica que a ilha ocupava (LIN; 2016; P. 60-61).

O autor também aponta que T. V. Soong, na época recém nomeado governador de Guangdong, juntamente de Kai-shek, buscava consolidar o sul da China como uma espécie de região segura, pois era a parte do país que acreditavam que havia a menor probabilidade de cair sob a ideologia comunista que se espalhava pelo PCCH, devido ao desdobramento de blocos anticomunistas que se popularizaram, e que esse feito traria a independência para Taiwan (LIN; 2016; P. 64-66).

Para isso, foi obtido cooperação com os EUA que fortaleceram apoio para esses grupos locais, enquanto algumas regiões dominadas pelos comunistas na China vinham perdendo conflitos para o lado nacionalista. Lin (2016; P. 71) aponta que um dos acontecimentos que poderia ser interpretado como uma fortalecimento para o lado nacionalista, foi a eleição de Harry Truman, que resultaria em uma aliança mais fortificada entre o governo americano republicano e o nacionalista taiwanês. Já Kissinger fala que o envio de George Marshall para a China com o intuito de fortalecer a cooperação entre as duas nações asiáticas, foi o grande responsável pelo colapso da posição militar dos nacionalistas, pela derrota que enfrentaram no continente (KISSINGER; 2011; P. 64).

A interpretação dos fatos dos dois autores pode ser analisada de diferentes formas: Primeiramente, o que Lin entende como um triunfo, foi devido a uma política mais intensificada que o governo estadunidense iniciou em Taiwan, o que mesmo com a derrota no continente, era de notável importância ter uma potência tão forte como aliado político para os nacionalistas. Mas, é interpretado como um colapso na visão de Kissinger, devido à posição que a armada militar taiwanesa ficará com a derrota, porque afinal de contas, não conseguiram firmar uma posição desejada na China, onde tentaram reivindicar e estabelecer seu governo e ideologia, em oposição ao PCCH.

Porém, houve uma mudança de rota na política da ilha no momento que Chiang Kai-shek renuncia seu cargo, o que poderia ser interpretado como uma facilitação para o início de negociações com os comunistas. Dessa forma, os Estados Unidos fortaleceram sua influência na região para que dificultasse uma possível relação de Taiwan com a China comunista. Lin (2016; P. 78-81) ressalta que a estratégia americana foi promover apoio de líderes da região com o intuito de consolidar a campanha anti-comunista no país, além de estabelecer um apoio militar e diplomático. Com isso, é notório o quanto a "mão" dos Estados Unidos foi presente para a estruturação da política de Taiwan no pós Revolução Chinesa, e muito influente nas consequências diplomáticas entre os governos da ilha e da China.

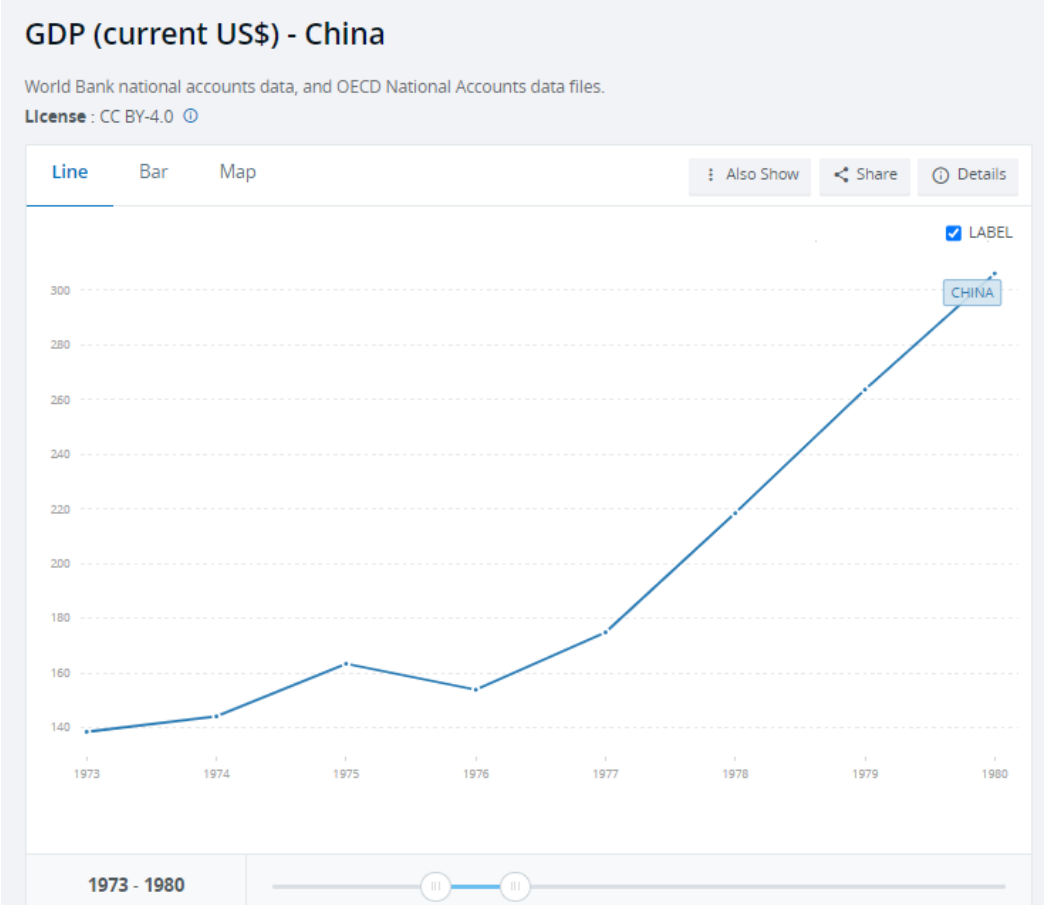
3. Um recorte da China pós-Mao Tsé-tung: Liderança de Xiaoping até a ascensão como uma superpotência no século XXI

Com a morte do grande líder do Partido Comunista, Mao Tsé-tung em 1976, a China passou por uma série de transformações sob a liderança do seu novo governador, Deng Xiaoping, que assumiu o poder em 1977. Segundo o autor Kjeld Erik Brødsgaard em seu texto "*Economic and Political Reform in Post-Mao China*", Xiaoping foi responsável por uma nova era política no país, primeiramente implementou reformas econômicas e modernizações com o principal foco de industrializar a região, como uma maneira de integrá-lo à economia global, realizando essa abertura com o comércio exterior. Essas mudanças permitiram que aumentasse o incentivo de mercado para que houvesse alocação de recursos de maneira mais efetiva (BRØDSGAARD; 2010; P. 32).

Adicionalmente, passaram a se aproximar dos outros países, participaram de instituições internacionais e organizações multilaterais, como a OTAN e a ONU, marcando a integração da China na economia global. A partir desse momento, a China passou por uma transformação, visando o desenvolvimento econômico, de abertura para o mundo, com o objetivo de transformá-la em uma grande potência mundial. Através dessas políticas, a China viu um aumento significativo na produtividade agrícola, promovendo o êxodo rural e abrindo-se para investimentos estrangeiros.

Assim, com todas as políticas implementadas por Xiaoping nesse período de abertura e reformas, posicionou a China como uma economia emergente de rápido crescimento, com um impacto significativo no PIB mundial. Adicionalmente, sua relação com outros países concedeu um importante papel na política e na economia internacional, se tornando cada vez mais importante no sistema internacional, demonstrando uma grande oposição à hegemonia dos Estados Unidos. Abaixo, um gráfico que demonstra um aumento significativo do PIB do país,

com uma comparação entre os três últimos anos do governo de Mao e os três primeiros de Xiaoping, demonstrando o impacto econômico de suas reformas, onde atingiu seu ápice (GRÁFICO 1):



Fonte: The World Data Bank

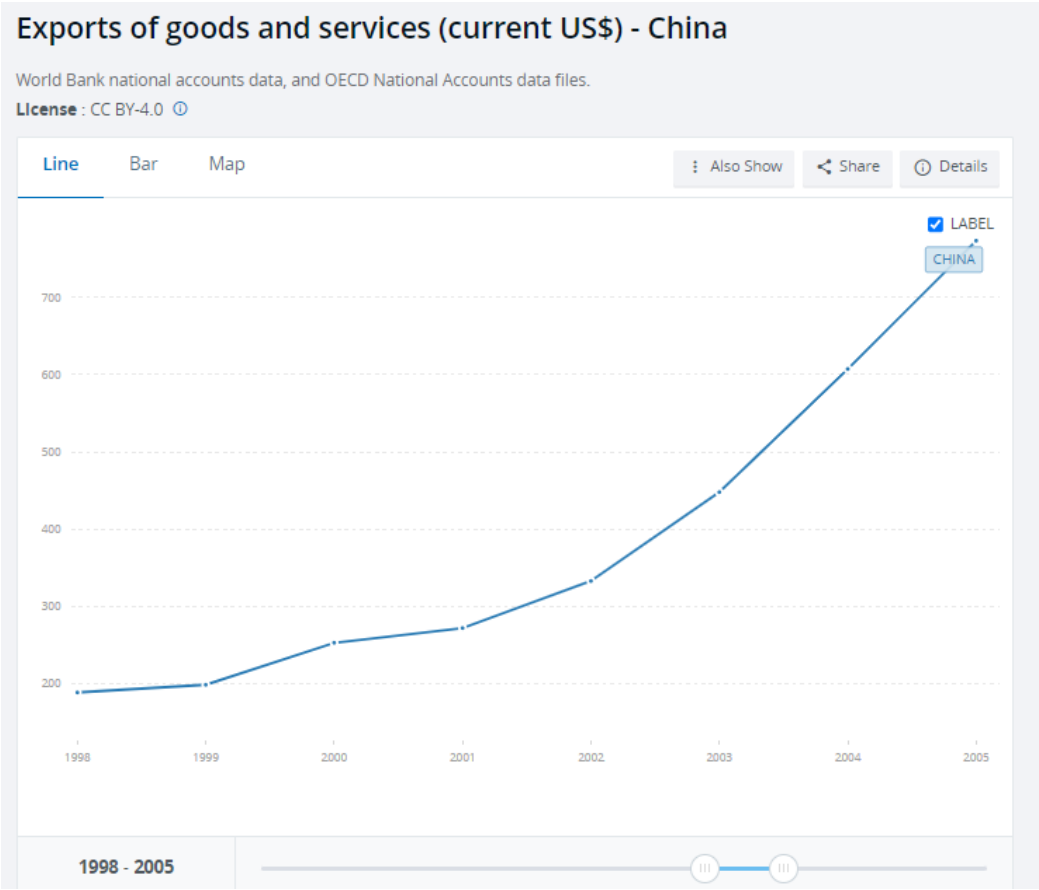
Já em suas movimentações políticas, Brødsgaard aponta (2010; P. 41-43) que Xiaoping, em uma convocação para discutir como reformar os sistemas de liderança do Partido e do Estado, realizou um importante discurso - que não foi divulgado pela imprensa chinesa da época - identificando os desafios relacionados à essa questão, que foram: burocracia, concentração excessiva de poder, métodos patriarcais, mandatos vitalícios em cargos de liderança e privilégios diversos.

Para abordar essas questões, o líder sugeriu a implementação completa da democracia popular, assegurando que a população exerça efetivamente o direito de administrar os assuntos do Estado, especialmente no âmbito local. Com isso, uma das decisões tomadas para que pudesse atingir essas propostas, seria uma reforma sistêmica, mas que por sua vez teve que ser parada com a maior necessidade de consolidação econômica. Porém, em 1986 a ideia veio à tona novamente, mas o Comitê Central definiu que o Partido apenas poderia conduzir suas

atividades dentro da Constituição e das leis do Estado, não dando o aval para a reforma sistêmica (BRØDSGAARD; 2010; P. 45).

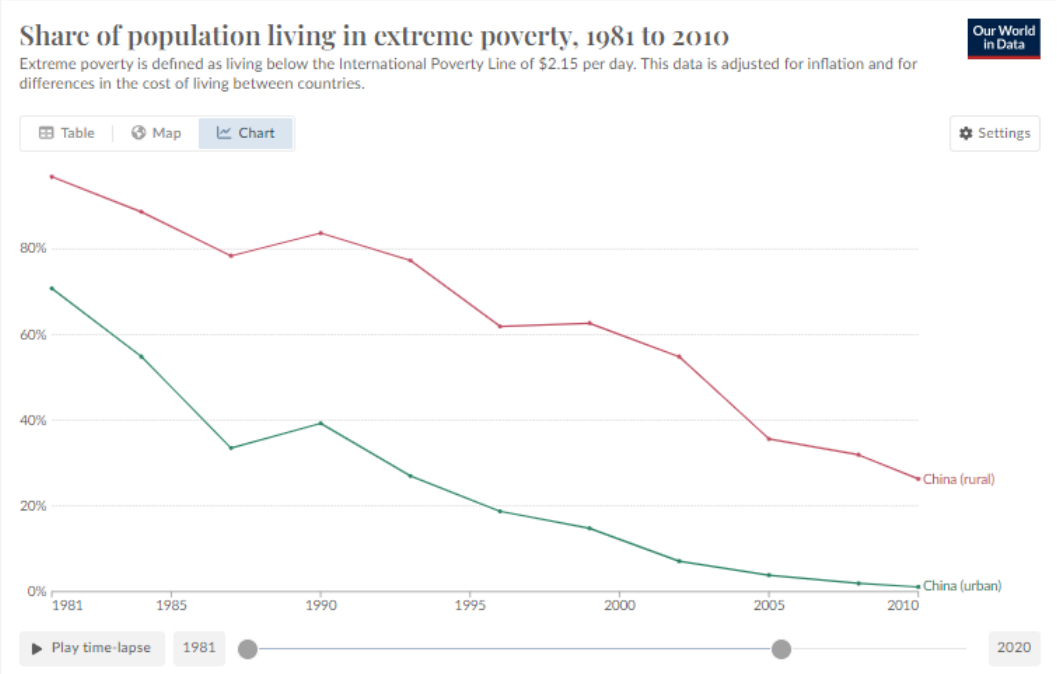
Já com o passar dos anos, Deng Xiaoping veio a falecer e seu sucessor, Chen Yun, continuou concedendo à China um notável reconhecimento internacional. Desse modo, o país caminhou para um novo rumo de sua política e, principalmente, de sua economia, pois começara a ganhar ainda mais notoriedade em nível global e se estabelecendo como uma grande potência no final dos anos 90 e início dos anos 2000, agora já sob o poder de Jiang Zemin.

Com isso, tiveram alguns acontecimentos que marcaram essa ascensão, primeiramente pode-se apontar a sua entrada como membro da OMC, a Organização Mundial do Comércio, a qual segundo aponta uma matéria do BBC News, foi apoiada internacionalmente pelo presidente dos Estados Unidos da época, Bill Clinton. Esse ocorrido fez com que a China se tornasse um alvo atrativo para investidores estrangeiros e aumentar sua exportação. Segue abaixo um gráfico demonstrando o crescimento exponencial de exportações que o país obteve a partir de sua entrada no OMC em comparação aos três anos anteriores à esse evento (GRÁFICO 2):



Fonte: The World Data Bank

Além da crescente em sua exportação, a China também conseguiu um feito histórico: reverteu significativamente a taxa de população vivendo em situação de extrema pobreza, tanto na zona rural quanto na urbana. Tendo em vista que o país detém uma população que ultrapassa 1 bilhão de pessoas, é um acontecimento de suma importância ser apontado, como demonstra o gráfico abaixo analisando o período entre 1981 até a o final da primeira década do século XXI (GRÁFICO 3):



Fonte: Our World in Data

O autor Eduardo Costa Pinto em seu texto "O Eixo Sino-Americano a as transformações do Sistema Mundial: Tensões e complementaridades comerciais, produtivas e financeiras" interpreta que um dos principais motivos da China ter conseguido ascender dessa maneira, de forma tão acelerada, foi pela crise asiática que se estabelecia na época, que diversos países como Coréia do Sul e Japão tinham uma desvalorização de suas moedas (PINTO; 2011; P. 28).

Com o avanço do país no cenário político mundial, as tensões que já existiam com os Estados Unidos se intensificaram a partir de 2008, ano da grande crise internacional. O autor aponta que esse evento foi o pontapé inicial para o estreitamento desse embate, pois iniciou-se uma "guerra cambial" mas, independente disso, a crise também trouxe um processo de integração entre as duas nações devido a sua produção industrial (PINTO; 2011; P. 33). Desse modo, por mais que os Estados Unidos expusesse sua tensão com a China, seria quase impossível desvencilhar-se dessa relação, uma vez que o crescimento comercial da nação asiática começara a monopolizar toda a produção mais barata e com tecnologias que estavam se adaptando para versões melhores com uma grande rapidez.

3.1. Os anos 2000: A queda do KMT e "uma China"

Com o estabelecimento da China como uma superpotência, as relações com Taiwan ainda seguiam estremecidas, dessa vez, no início do século XXI a ilha deu entrada em um importante processo eleitoral que marcaria a história do país dali para frente. O candidato Chen Shui-bian ganhou as eleições, e acabou com anos de liderança do Kuomitang a frente do poder. Esse fato foi um ponto de atenção para a China, pois o novo líder da ilha defendia fervorosamente a independência, e dessa vez sem o KMT no poder, representava de fato o início de um poder totalmente taiwanês.

Sheng Lijun em seu livro *"China and Taiwan: Cross-strait relations under Chen Shui-bian",* aponta que naquele ano, Shui-bian tomara uma posição menos assertiva na relação Taiwan e China, alegando que não declararia a independência da ilha com receio dos ataques militares que poderiam vir do governo chinês (LIJUN; 2002; P. 41). Já Steve Tsang aponta que há um "endurecimento" da relação entre as duas nações, que Taipei mantém uma posição de não querer envolvimento militar com Pequim mas que as medidas diplomáticas fazem com que Shui-bian chegue perto de uma defensiva armada (TSANG; 2006; P. 328). Além disso, em 2005 a China estabeleceu uma lei que dava passe livre para que pudesse intervir militarmente em Taiwan caso a ilha declarasse independência formalmente.

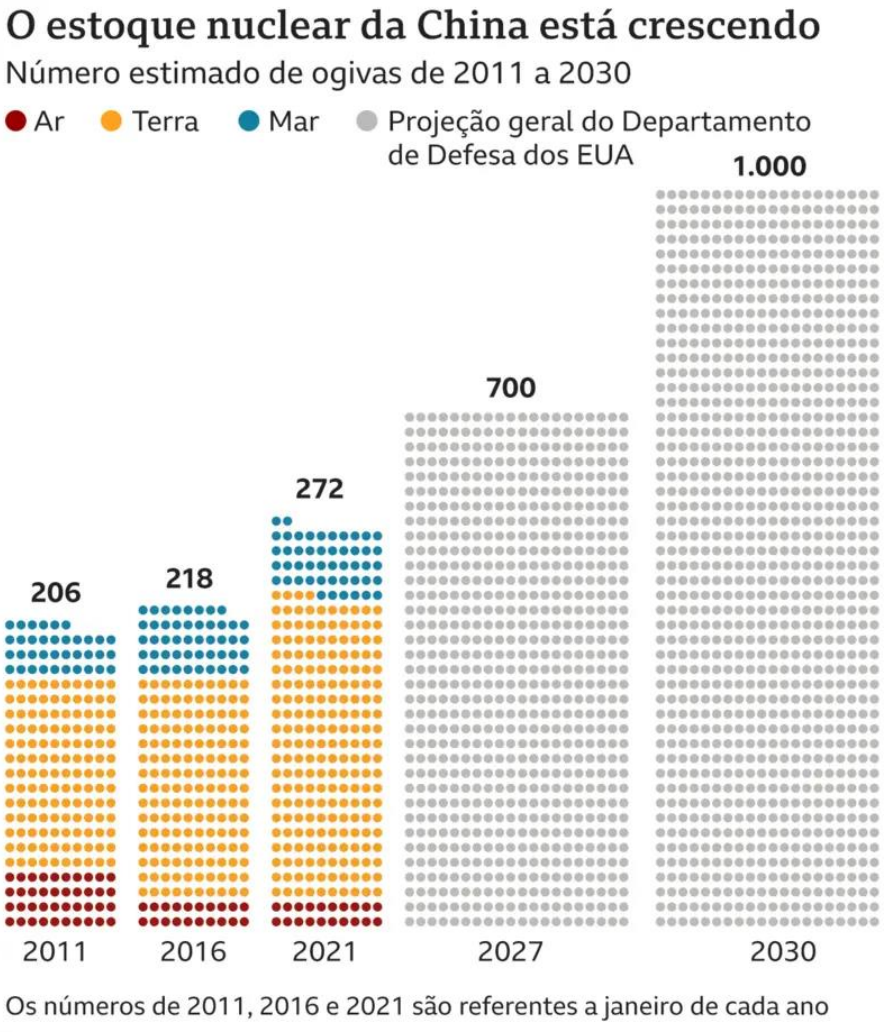
Com a vitória de Shui-bian também ressurge o conceito de "uma China", que é a ideia de uma reintegração de Taiwan ao país, ideia que surgiu no consenso de 1992 que garantia estabelecia que havia uma China, mas que cada parte poderia interpretar o que isso significava de maneiras diferentes. Essa ideia é repudiada pelo novo governo taiwanês e fortemente defendida pela parte chinesa, mas Lijun (2002; P. 46-48) aponta que houve uma posição curiosa dos Estados Unidos diante disso, em que Clinton parabeniza Cheng Shui-bian pela vitória. Isso foi considerado uma situação arriscada, porque naquele momento os EUA não consideravam Taiwan uma nação legítima e independente. Mas, em seu pronunciamento, Clinton também defendera a ideia de uma só China, porém ressaltou que iria continuar sua relação informal com Taiwan.

A posição do governo americano frente às tensões que as eleições de Taiwan trouxeram para o conflito, demonstra que há um jogo diplomático que os norte-americanos não podem perder: arriscar a relação comercial com a China que havia se tornado seu maior parceiro no comércio exterior, além de se indispor politicamente com uma nação que apenas tomava mais força como superpotência, apesar de um grande rival em vários sentidos, e, ao mesmo tempo, também não poderia deixar de realizar uma certa aliança política com Taiwan, já que tinham

um rival em comum: a China, o que poderia fortalecer os Estados Unidos em uma disputa com a potência.

4. Uma ótica contemporânea da relação China-Taiwan e EUA e uma odisseia para o futuro

Agora que já discorremos sobre os primórdios do conflito sino-taiwanês e a influência estadunidense em diversos momentos, é possível entender a situação por uma ótica contemporânea. Atualmente, o líder chinês é Xi Jinping, eleito em 2013, e vem tomando reconhecimento principalmente pela exportação de produtos de tecnologia e de bens de consumo industriais com alto valor agregado. Também teve altos gastos militares e foi feita uma reestruturação de preparo para combate e elevação de força, o que levou o país a ter um dos exércitos mais poderosos, preparados e volumosos, chegando em um valor de US$232 bilhões segundo o Valor Econômico, o que tanto para os EUA quanto para Taiwan, pode ser visto como uma defensiva do país. Segue abaixo uma imagem que demonstra o investimento militar chinês nos últimos anos e uma projeção para as próximas décadas (FIGURA 3):



Fonte: BBC

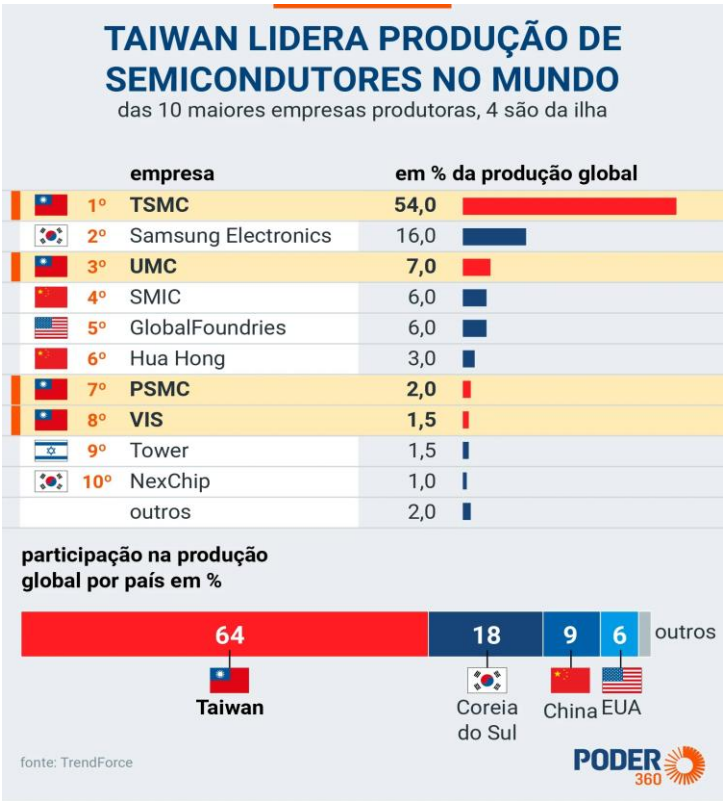
Portanto, a participação e relevância da China para a economia internacional, nessa crescente exponencial, vem tomando uma posição de destaque mundial, podendo ser equiparado aos mesmos parâmetros que os Estados Unidos, o que levou os dois países a uma disputa comercial em 2018. O ex-presidente Donald Trump tinha imposto tarifas sobre produtos chineses, com a justificativa de reverter o déficit comercial, dificultando a entrada dos produtos para estimular a produção interna. As ações tomadas pelo governo americano reforçam a ideia de uma contenção ao crescimento desenfreado chinês, e o conflito sino-taiwanês começa a se estreitar.

Diante das movimentações norte-americanas com caráter contencionista, é importante ressaltar a relação militar-comercial que estabelecera com Taiwan. Desde 2017, o governo Trump aprovou o início da comercialização de armas para a ilha, com valores significativos que somaram naquele ano mais de US$1,4 bilhão, segundo a revista Exame. Mas esse histórico de vendas não pararam por aí, mesmo com um novo governo vigente nos Estados Unidos, com o novo líder Joe Biden, a relação militar entre os dois países ainda é presente, em meados de 2023 foi feita uma venda que somou mais de US$400 milhões. Essa situação é vista como uma provocação à China, uma vez que o governo americano não respeitou o princípio de "uma China", assim aponta o porta-voz do Ministério das Relações Exteriores, como é relatado em uma matéria da CNN.

Outro ponto de relevância a ser observado na relação da China e Taiwan nos últimos anos, foi a incursão aérea. Há um movimento por parte das Forças Aéreas chinesas de um certo avanço provocativo diante das terras taiwanesas, em que em 2021 foram enviadas vinte e oito aeronaves, podendo ser identificadas como naves de bombardeio e de caça, para sobrevoarem a zona de defesa aérea de Taiwan e sendo a maior incursão na região até aquele momento, o que gerou um pronunciamento dos líderes do G7 reforçando que a China deveria promover a paz na região, como aponta a matéria da CNN. Portanto, pode-se interpretar o movimento norte-americano de continuidade nas vendas militares para a ilha, como um estabelecimento de poder às ações chinesas, demonstrando que caso haja uma intervenção, Taiwan conseguiria reagir - e potencialmente teria apoio estadunidense.

Um ponto principal que é necessário ressaltar, que torna Taiwan tão atrativo para os EUA, é a questão dos semicondutores. A ilha é o principal país na produção de chips de alta tecnologia que são utilizados para a fabricação de diversos produtos, desde carros até eletrodomésticos e até aparelhos de uso pessoal, como computadores e celulares. O que ocorre na região é que a idealização dos chips é feita pelos Estados Unidos, mas a sua produção - 90%

como cita uma reportagem do G1 - é realizada em Taiwan. Isso tem gerado tensões significativas para a diplomacia dos três países, pois o governo estadunidense realizou sanções que proíbem de exportar esses chips para a China, com o pretexto de que o governo chinês usaria para a criação de armas nucleares (FIGURA 4).



Fonte: Poder 360

Agora, pensando em um futuro para o papel da China no mundo e a relação com Taiwan e EUA, precisa-se interpretar qual a projeção existente para as próximas décadas. Segundo o livro de Graham Allison "*Destined for War: Can America and China escape Thucydides's Trap?*", em seus primeiros capítulos, o autor traz dados que evidenciam que o país irá evoluir cada vez mais ao longo dos anos, e pode chegar a ser responsável por 30% do mercado internacional em 2040. Também, segundo o FMI, Fundo Monetário Internacional, a China ultrapassou o PIB dos EUA em 2020, com uma diferença de 2,3%, mesmo com a pandemia do COVID-19. Não só, mas nas últimas três décadas, a China cresceu cerca de 10% ao ano, tirando 800 milhões de pessoas da pobreza, e durante esse mesmo período, os Estados Unidos avançaram somente 2,6% por ano.

Já sobre a tensão entre China e Taiwan pode continuar sendo intensificada enquanto o governo americano continuar exercendo influência, principalmente militar, na região. Mais recentemente, neste ano, de 2024, houve um novo processo eleitoral na ilha, que elegeu Tsai

Ing-wen, candidata que defende fortemente a autonomia de Taiwan e estreita relações com os EUA.

Com isso, podemos esperar do futuro das relações sino-taiwanesas ainda mais momentos de tensões, há o risco de que o conflito evolua para o lado militar, podendo ter embates armados, não é o que o sistema internacional e ambas as nações têm como princípio com o desenrolar das questões, mas há o risco caso a cooperação mútua não ocorra. De acordo com Mearsheimer em seu texto *"Taiwan's dire straits",* o crescimento desenfreado da China pode trazer consequências imprescindíveis para Taiwan, que aumentaria as tensões em busca de uma reunificação e a ideia de "uma China" como forma de fortalecer-se ainda mais com a expansão de seu poder (MEARSHEIMER; 2014; P. 29).

Considerações finais

Mesmo com o passar das décadas e diversos altos e baixos na relação conflituosa entre China e Taiwan, a questão ainda se perpetua até os dias atuais e, com isso, ainda há um forte envolvimento dos Estados Unidos nessa situação. A China e toda sua construção política até chegar na superpotência que é hoje, vem de um histórico único, como apontado na primeira seção deste trabalho. Desde sua filosofia de Tianxia e toda a representação do que se foi idealizado de um governo que trouxesse a salvação mundial, que governaria "tudo sob o céu", o país foi ganhando seu espaço mundial de forma exponencial, com uma estratégia que beira o brilhantismo e de maneira inédita.

A movimentação da massa populacional chinesa, feita na Revolução com o PCCH, foi um feito impressionante, pois não somente naquela época Mao Tsé-tung conseguiu estabelecer um senso de pertencimento à nação, como isso se perpetua até os dias atuais. Também é necessário apontar que toda a dificuldade e sofrimento que o povo chinês enfrentara com diversas invasões, como a japonesa nas duas guerras nipo-chinesas, foi um fator que influenciou para a união da nação, pois uma nação enfraquecida é um palco mais suscetível a embarcar em um discurso político que o salvará daquela situação, que nem aconteceu com o nazismo na Alemanha no pós-Primeira Guerra Mundial.

Porém, desse modo, o que a China sofreu com a deslegitimação de seu poder e diminuição de sua soberania, com todas as invasões e guerras que lutou por séculos, foi e vem sendo reproduzido com a sua conduta com Taiwan. A necessidade da reintegração da ilha ao país, possivelmente vem não somente da sua filosofia de uma liderança mundial sino-centrista, mas também pode ser interpretado como uma maneira de não se enfraquecer político e territorialmente.

A não permissão de que Taiwan percorra sua autonomia e declare sua independência, faz parte de uma lógica sino-colonialista que reforça constantemente para o sistema internacional que o livre arbítrio da ilha na realidade está sob o controle chinês. E, assim, no meio de todo esse conflito entra um outro ator crucial para essa relação: os Estados Unidos. Como a estratégica política de praticamente todas as nações do mundo é sobre colocar seus interesses no topo, com a nação norte-americana não é diferente.

Os Estados Unidos se infiltraram na disputa sino-taiwanesa com um interesse inicial, o de conter a ameaça comunista do século XIX com o medo de que a ilha se tornasse parte dessa ideologia. Ano após ano a China vem se estabelecendo de maneira mais evidente como o principal inimigo americano, inicialmente com o pretexto comunista, hoje muito mais como um rival econômico e comercial - e de certa forma até bélico. Diante do conflito entre as duas nações asiáticas, o governo estadunidense se movimentou de uma forma que, em um primeiro momento, foi com provocações quase que inofensivas, mas recentemente têm se tornado mais assertivas, como foi apontado com o incentivo financeiro para aquisição de recursos militares para a ilha.

No início do século XXI, a eleição de Chen Shui-bian em Taiwan marcou uma mudança significativa na política da ilha, com um governo que defendia a independência e se distanciava do Kuomintang - que apesar de ser a oposição da China continental, ainda era o elo que mantinha Taiwan sob o domínio chinês. Os Estados Unidos, por sua vez, mantiveram uma posição bilateral, apoiando a defesa de Taiwan enquanto reafirmavam o princípio de "uma China", uma estratégia com o objetivo de equilibrar suas relações com ambos os lados.

À medida que avançamos para o futuro, a relação entre China, Taiwan e Estados Unidos provavelmente continuará sendo marcada por tensões e disputas, com o risco constante de envolvimento militar. A recente eleição de Tsai Ing-wen e a intensificação da cooperação militar entre Taiwan e os EUA, sugerem que o conflito permanece em um ponto de alerta. A perspectiva de uma reunificação forçada por parte da China, promovida pela ideia de "uma China" e pela expansão de seu poder global, continua a ser uma ameaça real para Taiwan e, de certa forma, para todo o mundo dependendo de suas consequências militares ou até comerciais, conforme discutido por teóricos como Mearsheimer. Por fim, entende-se que as interações entre China, Taiwan e Estados Unidos continuarão sendo um tema central nas discussões internacionais, sem previsão para que se conclua e, muito menos, uma projeção de não somente qual será a resolução final, mas também se haverá alguma.

Referências Bibliográficas:

ALLISON, Graham. Destined to war: Can America and China escape Thucydides's Trap. Houghton Harcourt, 2017. Introduction e Cap.1 - The rise of China.

BBC NEWS BRASIL. Como duas décadas de expansão criaram o 'século da China'. BBC, 2021. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55989290. Acesso em: 21 maio 2024.

BBC News. Taiwan: por que a ilha é tão importante para China e EUA?. 2023. Disponível em: https://www.bbc.com/news/articles/ceklk794102o. Acesso em: 21 maio 2024.

BBC News. Tensão entre China e EUA por Taiwan: o que está em jogo e por que importa?. 2023. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/internacional-59759795. Acesso em: 21 maio 2024.

BRØDSGAARD, Kjeld Erik. Economic and Political Reform in Post-Mao China. In: The Cambridge Companion to Modern Chinese Culture. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 31-56.

CARTACAPITAL. As guerras do ópio. CartaCapital. Disponível em: https://www.cartacapital.com.br/educacao/as-guerras-do-opio/. Acesso em: 19 abr. 2024.

CNN Brasil. China critica decisão dos EUA de fornecer armas para Taiwan. 2023. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/china-critica-decisao-dos-eua-de-fornecer-armas-para-taiwan/. Acesso em: 21 maio 2024.

CNN Brasil. Taiwan relata a maior incursão da força aérea da China desde o ano passado. 2023. Disponível em: https://cnnbrasil.com.br/internacional/taiwan-relata-a-maior-incursao-da-forca-aerea-da-china-desde-o-ano-passado/. Acesso em: 21 maio 2024.

DETAILS OF HISTORY. China vs Taiwan: history of the conflict. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=PCP_TQyfiyA&ab_channel=DetailsofHistory. Acesso em: 20 nov. 2023.

Desencadeia-se a Revolução de Xinhai | History Channel Brasil. History Channel Brasil. Disponível em: https://history.uol.com.br/hoje-na-historia/desencadeia-se-revolucao-de-xinhai. Acesso em: 20 nov. 2023.

Feddersen, G. H., Magno, B., da Silva, A. M., & Chiarelli, J. R. (2016). A interação estratégica China-Estados Unidos envolvendo Taiwan: elementos para uma análise atual. Conjuntura Austral, 7(33-34), 61–74.

FELL, Dafydd. Government and Politics in Taiwan. 2. ed. [S. l.]: Routledge, 2018. 276 p.

FERREIRA, W. DA C.; TEIXEIRA JÚNIOR, A. W. M. O conflito de Taiwan: uma análise estratégica e operacional. Coleção Meira Mattos: revista das ciências militares, v. 17, n. 58, p. 1-25, 26 jan. 2023.

G1. Guerra dos chips: como Taiwan se tornou centro de disputa política e econômica entre China e EUA. 2023. Disponível em: https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2023/09/17/guerra-dos-chips-como-taiwan-se-tornou-centro-de-disputa-politica-e-economica-entre-china-e-eua.ghtml. Acesso em: 20 maio. 2024.

Gualberto do Nascimento, L. (2023). Sistema mundial com características chinesas:: O Tianxia, o Zhongyong e o Realismo Moral como ordem internacional. Conjuntura Austral, 14(65), 75–86. https://doi.org/10.22456/2178-8839.129513

HENRIQUE MAGALHÃES. Relações Exteriores. Disponível em: https://relacoesexteriores.com.br/novos-tempos-para-a-ilha-rebelde/. Acesso em: 20 nov. 2023.

KISSINGER, Henry. Sobre a China. [S. l.]: Editora Objetiva Ltda., 2011. 378 p.

LEÃO, R; PINTO, E; ACIOLY, L; A China na nova configuração global. Impactos políticos e econômicos, Brasília, IPEA, P.65-187, 2011.

LIN, Hsiao-ting. Accidental State: Chiang Kai-Shek, the United States, and the Making of Taiwan. Cambridge: Harvard University Press, 2016.

LOUREIRO, Felipe Pereira. Governo chinês pode atacar Taiwan a médio prazo: Felipe Loureiro, da USP, avalia a possibilidade real deste conflito. [Entrevista a Sergei Cobra]. Rádio Cultura FM. Oito em Ponto. São Paulo: Rádio Cultura FM (103.3 MHz). Disponível em: https://cultura.uol.com.br/radio/programas/oito-em-ponto/2022/08/10/1046_governo-chines-pode-atacar-taiwan-a-medio-prazo.html. Acesso em: 25 set. 2023.

MAGNO, Bruno. Revolução nacional e guerra prolongada na China: análise estratégica e operacional da Segunda Guerra Sino-Japonesa (1937-1945). Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências Econômicas da UFGRS. Porto Alegre, 2018.

MEARSHEIMER, John J. Taiwan's dire straits. The National Interest, n. 130, pp. 29-39, 2014.

NASCIMENTO, Lucas Gualberto. Istema mundial com características chinesas: o Tianxia, o Zhongyong e o Realismo Moral como ordem internacional. Rio de Janeiro, v. 14, n. 65, p. 75-86, 2023. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/ConjunturaAustral/article/view/129513/88274. Acesso em: 28 mar. 2024.

PAULA, Rafaela Santos de. DESENVOLVIMENTO, ESTADO E GEOPOLÍTICA: Estudo das trajetórias do Japão e da Coreia do Sul. 2016. 112 p. Dissertação (Pós-graduação em Relações Internacionais) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, [S. l.], 2016.

PEATTIE, Mark R; DREA, Edward J; VAN DE VEN, Hans J Van de Ven. The battle for China: essays on the military history of the Sino-Japanese War of 1937-1945. Stanford University Press: [s. n.], 2011.

Poder360. Taiwan é centro de disputa tecnológica entre China e EUA. 2023. Disponível em: https://www.poder360.com.br/economia/taiwan-e-centro-de-disputa-tecnologica-entre-china-e-eua/. Acesso em: 19 maio. 2024.

Pomar, Wladimir. A Revolução Chinesa. São Paulo: ed. UNESP, 2003.

RADCHENKO, Sergey. 2010. The Sino-Soviet Split In: LEFFER and WESTAD. History of Cold War, Vol.1. Cambridge Press.

ROY, Denny. Taiwan: A Political History. [S. l.]: Cornell University Press, 2003.

SHENG, Lijun. China and Taiwan: Cross-strait relations under Chen Shui-bian. Singapura: ISEAS, 2002.

TAIWAN e as relações com a China. JANUS, Lisboa, p. 44-45, 27 jan. 2017. Disponível em: https://repositorio.ual.pt/bitstream/11144/3533/1/1.18_JorgeTSilva_TaiwanChina.pdf

TSANG, Steve. China and Taiwan: A Proposal for Peace. Londres: I.B. Tauris, 2006.

VALOR ECONÔMICO. Gasto chinês com defesa sobe 7,2%. 2024. Disponível em: https://valor.globo.com/mundo/noticia/2024/03/06/gasto-chines-com-defesa-sobe-72.ghtml. Acesso em: 17 maio. 2024.

WANG, Zheng. Never Forget National Humiliation. [S. l.]: Columbia University Press, 2012. 310 p.

ZHAO, Suisheng. A Revisionist Stakeholder: China and the Post-World War II World Order, Journal of Contemporary China, 2018